



XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL DOS FÓRUNS – 2024

Como fazer a angústia falar nos psicossomáticos? A angústia entre o gozo e o desejo

Joseane Garcia

Os sujeitos que procuram uma análise chegam com certa angústia diante de algo que tem um estatuto de sinal de que algo vai mal, que não funciona bem, mas que eles não sabem o que é e nem por quê. Na clínica com os psicossomáticos, a angústia não aparece, na maioria das vezes esses sujeitos chegam à análise dizendo apenas “só estou aqui porque o médico pediu”.

Quando a dimensão subjetiva não entra em cena diante de um evento traumático, parece que há aí a possibilidade de eclodir um fenômeno psicossomático. E sabemos com Lacan que a holófrase se encontra na origem desses fenômenos. Um congelamento de significantes, onde não acontece o intervalo entre eles, levando a uma fixação de um gozo específico.

Durante minhas pesquisas sobre o fenômeno psicossomático, formulei uma hipótese de que dois dos três registros RSI se encontrariam em continuidade um com o outro, sendo assim, suas duas consistências se encontrariam reduzidas a uma só. Eu apresento essa minha tese no meu livro *O fenômeno psicossomático e o objeto a* (Garcia 2021). Os registros imaginário e real estariam em continuidade e o simbólico precariamente enlaçado. O que me pareceu congruente com o que Lacan (1975) afirmou em sua *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, onde ele diz que o fenômeno psicossomático é algo da ordem do número escrito no corpo. Para se ter uma escrita borromeana é preciso no mínimo três elos. Na minha hipótese do fenômeno psicossomático, temos apenas dois, não temos uma escrita borromeana. Com a continuidade dos registros imaginário e real, o coração do nó não ficaria delimitado, ou seja, o objeto *a* não estaria destacado. A não extração do objeto *a* colocaria os dois registros, imaginário e real, em continuidade. Portanto, é a sua extração que possibilitaria a disjunção dos campos em continuidade (Garcia, 2021).

Sabemos que o objeto não é engendrado sem o Outro, mas antes surge entre o Outro e o sujeito. No seminário sobre a angústia, Lacan (1962-63/2005) faz vários esquemas da divisão subjetiva. No



primeiro esquema, o sujeito surge entre o Outro não barrado e aquilo que Lacan escreve com um S, o sujeito mítico do gozo. E o que resta dessa divisão é o objeto *a*.

Quando Lacan apresenta o terceiro esquema da divisão subjetiva, há uma inversão na posição de dois de seus elementos: o *a* e o \$ trocam de lugar e os três tempos da divisão ganham nome: gozo, angústia e desejo. O \$ está no fim da operação e o objeto *a* é o termo intermediário entre o gozo e o desejo. Essa configuração do esquema de divisão evidencia que a angústia é constitutiva da função do objeto *a*. Ela tem antecedência lógica em relação ao objeto *a*. Portanto, a angústia não seria pela perda do objeto, nem pela falta do objeto, mas sim pela presença do objeto.

Desse modo, é importante o aparecimento da angústia na clínica com os psicossomáticos, porque ela é bússola para a extração do objeto *a* que fará furo na continuidade dos registros imaginário e real. Vou tentar demonstrar isso a partir de um fragmento de um caso clínico atendido no Projeto de Pesquisa “A clínica psicanalítica e os fenômenos psicossomáticos” coordenado por mim na Universidade Católica de Petrópolis (Brasil).

Mirelle, uma menina preta de 10 anos, foi encaminhada para tratamento pela pediatra por apresentar vitiligo. Uma primeira mancha apareceu embaixo do olho, como uma lágrima escorrida, um mês depois da morte de seu avô materno.

Em entrevista com a mãe, ela conta que orienta Mirelle a cuidar da pele. A mãe diz “a *nossa pele* tem que ser cuidada, senão a alergia explode”. A analista escuta que a mãe e Mirelle têm uma pele só: *anossapele* é uma holófrase.

Depois de um bom tempo de trabalho, Mirelle conta que a mãe tinha um hábito que a incomodava, consistia em pará-la para vigiar se o vitiligo havia aumentado, fazia isso puxando a própria pele embaixo dos olhos. A mãe vigia o vitiligo, colocando o objeto olhar em jogo. A angústia se fixa no ponto do olhar em que o sujeito não é quem olha, mas é olhado. O olhar do Outro é um espelho que revela uma miragem de si, na qual sua imagem é o Outro. Não há resto, apenas mancha. A pele embaixo do olho que é repuxada é a mesma zona da primeira mancha de vitiligo de Mirelle. É o olhar como objeto de gozo do Outro que será o objeto *a* ser destacado, pois é na condição de separável que um objeto pode fazer função de objeto *a* (Garcia, 2012).

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LAGANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÉ-LA
FALAR?

ÉPTCL
MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Logo depois, Mirelle passa a falar de uma alergia no pé: “puxei a alergia da minha mãe”. Mirelle diz que a mãe era toda manchada e que a alergia havia deixado a mãe em carne viva. Viva-morta. A analista intervém dizendo que a alergia “*é da mãe*” na tentativa de provocar uma separação dessa pele compartilhada. A alergia de Mirelle é anterior ao vitiligo, apareceu quando ela era ainda uma bebê. Ao falar da sua identificação com a mãe, Mirelle diferencia o vitiligo da alergia. E pela primeira vez se dirige a ele, nomeando-o: “são manchinhas, são sentimentos que viram manchinhas”. Mas Mirelle não sabe dizer que sentimentos são esses, fica muda ao ser questionada. “Para os sentimentos não virarem manchinhas é preciso falar deles”, pontua a analista. Mirelle diz que não é boa em contar histórias e, chorando, diz não querer falar do avô falecido por sentir falta dele. Toda vez que tocava na morte do avô, Mirelle chorava muito, um choro mudo. Com a ajuda da analista, Mirelle passa a falar das saídas com o avô e dos domingos legais com ele. Um tempo depois, ela diz que precisa “fazer sua identidade”, referindo-se a retirar o seu documento nacional de identidade. Reinvidica a sua identidade separada do Outro, posiciona-se como sujeito do seu próprio desejo.

Em outro momento, Mirelle reproduz uma frase do irmão que achou engraçada: “A vida não é um morango”, e logo em seguida desenha um grande morango vermelho com manchinhas pretas. A analista pergunta: “O morango tem manchinhas?”. Mirelle ri! Nesta sessão, ela informa que seu vitiligo não se manifesta mais. O morango tem manchinhas pretas que apagam seu vitiligo.

Na relação entre mãe e filha, a junção de suas superfícies era absoluta, a pele de Mirelle e de sua mãe era uma só: *anossapele*. O que o trabalho analítico com Mirelle fez foi proporcionar uma separação dela e da mãe, através da elaboração do luto do pai da mãe. O vitiligo de Mirelle não inscrevia a perda, obturava a abertura entre S_1 e S_2 , através do mecanismo de holófrase,

Foi preciso o aparecimento da angústia no tratamento para que Mirelle localizasse o gozo por meio da operação do objeto *a*. A cessão do objeto olhar da mãe possibilitou uma separação da pele de Mirelle, com a queda de um Outro consistente. Foi a nomeação da angústia, que localizou o sujeito no campo do Outro e construiu um corpo e uma identidade próprios. A angústia foi intermediária entre o gozo e o desejo, e na minha hipótese, fez furo na continuidade dos registros imaginário-real, possibilitando uma outra escrita de corpo.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

ÉPTCL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Referências:

Garcia, Joseane (2012). A estrutura topológica do objeto a e o fenômeno psicossomático. In: Elia, Luciano e Barros, Rita Maria Manso de. *Estrutura e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Garcia, Joseane (2021). *O fenômeno psicossomático e objeto a*. Appris.

Lacan, Jacques (1962-63/2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge: Zahar.

Lacan, Jacques (1975). *Conferência de Genebra sobre o sintoma*. Inédito.